

A Senhora

da

Melancolia



Avatares de um Ateu

POR

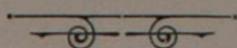
Gomes Leal

THE
LIBRARY OF
THE
MUSEUM OF
COMPARATIVE ZOOLOGY
AND ANATOMY
HARVARD UNIVERSITY
CAMBRIDGE, MASS.



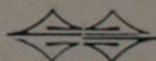
A SENHORA DA MELANCOLIA

↔ Gomes Leal ↔



A Senhora
da
Melancolia

Avatares de um Arteu



Livraria Moderna
Editora
Rua Augusta, 95

Typographia
45, Rua Ivens, 47
Lisboa - 1910

Dedicatoria

A Senhora Tenebrosa, Desgostosa e Silenciosa, á Inconsolavel Mãe das almas errantes e uiuantes, Advogada das tristezas múdas e das lagrimas que correm baixinho, Protetora dos corações viuos e amaldiçoados, Tocha funeraria dos Tristes, Urna lacrimal dos Vencidos, Mãe da Saudade e das dôres irreparaveis, Capa dos mendigos e dos leprosos das cidades malditas, Senhora dos Tutos e das Lagrimas, Rainha dos Suspiros, dos Soluços, das Sete Espadas, oferece, dedica e consagra o autor, em sua devoção, este pequeno obelisco negro, com sete degrãos de marmore preto.



— | —

A Senhora Silenciosa

*Quem pode negar a dupla vista dos
Tristes?... Quem pôde fitar ou vêr
aquillo que elles vêem, sondar o que
elles sondam, nas concavidades da
Sombra?*

Não foi n'um medieval castelo de baláda,
nem foi na Terra Santa aonde váe o romeiro,
nem n'um bairro judeu historico e trigueiro,
que eu ví esse perfil de Hebreia celebráda.

Foi d'um abismo ao pé. — Muda, em pranto, caláda,
jorrou dentro em minha alma um balsamo fagueiro,
quando eu ia rolar no atróz despenhadeiro
dos infernos mundiaes, ante o altar do *deus Nada*

Sim! quando ia rolar nas trevas taciturnas,
quando eu sentia já esse báfo das furnas,
que nos gela a epiderme e inteiriça de horror...

quando nada no abismo a quéda me sustinha,
silencioso esse olhar floriu, Senhora Minha!
— qual negro vaso etrusco a raiz duma flor.





— II —

A Senhora da Melancolia

*E como ella me pareceu tenebrosa,
desgostosa, e silenciosa, chamei-lhe
a Senhora da Melancolia.*

Porquê tão triste assim? — Não sei. Estarrecido,
votiei-lhe um culto ideal, amor mais que terreno.
Sua mágoa é um Sol que eu rasteiro e pequeno
adôro no meu pó como um *Parse* vencido.

Sua melancolia a minha alma há rendido!...
Seu grande ar tenebroso e o seu olhar de threno
teem magia maior do que as *nixes* do Rheno,
do que as *sagas* da Etruria, as *sibilas* de Gnido.

Ella habita um palacio, eu um misero albergue.
Mas já morou na treva, onde nunca o sol se ergue,
nas solidões de Job e a triste Agar errante.

E máu grado entre nós haver um cávo abismo,
sáe d'esse olhar lutuoso, um fluido, um magnetismo,
—que me rende, me atráe, subjuga a cada instante!





— III —

A Senhora das Lagrimas

*Avatar! Avatar! Um dia, vos narra-
rei todos os meus avatares!*

Cávo a propria memoria e entre largas palmeiras
surge Jerusalem, n'um passádo já morto.
Creio ter sido outr'ora um Romano e no Horto
n'um choro sol posto, errar entre oliveiras.

Será um sonho vão? — Entre lanças guerreiras,
vejo-me centurião da Torre Antonia, e absorto
contemplando Sião, Josafat, o Mar Morto,
e a agua de Siloé regando as romanzeiras.

Creio avistar tambem, mal veláda n'um véo,
atrás d'um porta-cruz que insulta o povolóo,
a imagem que eu já vi, a mesma imagem rara.

- E' ella! E' ella! E' ella! E' seu rosto dorido!
— Contorce as reaes mãos de marmore polido!
— Cáo-lhe o pranto em silencio, em silencio, na cára.





— IV —

A Senhora dos Suspiros

Beati qui lugent!

Revejo-a outra vez ás luzes das estrelas,
n'um serro desoládo, o *atroz Campo do Oleiro*,
á lua que prateia o elmo das sentinelas,
e junto a uma alta cruz ao monte sobranceiro.

Já vi o mar em fúria e a terra n'um brazeiro,
já vi crucificar leões, reis, e donzelas,
mas nada igual ao horror das tres estatuas belas,
tres Estatuas da Noite, ao pé d'esse madeiro.

Uma era Salomé, outra Magdá, e ainda
a *Dôr que não tem nome*, a Hebreia grave e linda,
a rosa de Saron que gemeu nos retiros.

Essa é como a Raquel da Judéa chorosa.
Não quer consolações. Longe das mais, lutuósa,
— uiva a matilha atróz dos ais e dos suspiros!





— V —

A Senhora dos Soluços

Videte si est dolor, sicut dolor mea!

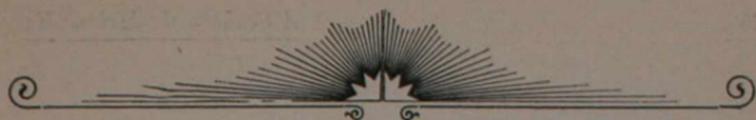
Tiberio discutia irritado escultura
certa noite em Capréa. — A lua era bonita.
Jogava com Sejano e eu, A certa altura,
derrúba a mesa ao chão de oiro e de malaquita.

«Já viste alguma vez — grita-me elle — a Amargura,
quer seja em carne, em bronze, em marmore, uma cripta,
sofrer como em Nióbe, essa extranha figura,
cuja pedra dá ais, chóra, treme, palpita? . . . »

«Já vi outrora, eu disse — ó Cesar! — na Judea,
a forma escultural d'uma mulher hebreia,
sobre a campa do filho arrastar-se de bruços.

—Nunca vi igual flor de cabelos castanhos!
—Nunca vi maior dôr em olhos mais estranhos!
—Nunca meu coração olvidou seus soluços!»





— VI —

A Senhora das Sete Espadas

*Ananké! Ananké! Ananké!
Que sacrilegio! Que sacrilegio!*

Outra noite, éra em Roma. —Eu estava n'uma orgia, junto de Cesar Bórgia e uma real devassa.

O Cristo estava em frente, ao alto. Enchi a taça de Rheno e arremessei-o ao Cristo que morria.

O ultraje era sangrento e macábra a ousadia!...

O vinho purpurou-lhe o corpo níveo. E a baça fronte que alága o horror e o livor da desgraça, dóbra .. dóbra-se ao chão... com mais melancolia.

Quando enfim me escapei da bacanal urrante,
corta-me o passo a Sombra. Em vóz febricitante,
bradei: Que me ólhas tu, com vistas irritadas?...

Nada me respondeu a Sombra amada e triste.
Mas minha alma gemeu: — *Foste tu que reabriste
o sangue que hoje cáe d'aquelas sete espadas!*





— VII —

Miserère mei!...

Les Mères! Les Mères!

FAUST

A's risálas entrei n'uma igreja ás matinas.
— Conservava-se ateu meu coração corrúto—
Eis vejo sobre o altar o extranho ser de luto,
rasgado o coração por sete espadas finas.

Chorei. Prostrei-me em terra. — Essas formas divinas
não as púde fitar de rosto calmo e enxuto!
Era a mão maternal... era o braço impolúto...
que afastavam meus pés das ervas das ruínas!

Era o báfo de mãe, a indulgencia, o carinho,
era a áza que que afága o implume passarinho,
a mão que enxuga a testa ao menino, a dar ais...

O' Mãe triste! O' Mãe terna! O' Mãe dos olhos castos!
acólhe esta alma em pranto, hirta ao frio, de rastos,
— qual triste engeitadinha á porta de seus páes!



NOTA

Á CERCA DOS

AVATARES DE UM ATEU

A *Senhora da Melancolia* tem um extranho sub-titulo assás profano: — *Avatares de um ateu*

Expliquemos este sub-titulo.

Avatar é um termo extraído das liturgias indianas, que significa *reincarnação*. Segundo estas ancestraes liturgias, a alma humana póde reincarnar na terra, ou n'outro qualquer planeta, tantas vezes quantas lhe sejam necessarias para o seu depuramento espiritual definitivo.

Vishnú é conhecido e venerado na India inteira como o deus dos *nove avatares*. O proprio Brahma, o chefe da trindade divina, a indiana *trimurti*, não foi isento d'esta lei universal mística. Jeus Crichna, conhecido na Europa pelo *Cristo Negro* da India, mais o famoso e celebrado Budhá, reverenciado tambem sob o nome sagrado de *Çákia-Muni*, foram as derradeiras incarnações de Vishnú. O Egipto adoptou da India a teoria das reincarnações, as quaes n'elle foram denominadas *metempsychóses*.

Pitágoras, filósofo grego, natural de Samos, e que havia sido iniciádo nos misterios rituaes do Egipto, assegurava recordar-se, alem de outras extranhas existencias anteriores, haver sido um famoso combatente na guerra de Troia. O célebre conde de Saint Germain, que tanto brádo deu nas côrtes de Luiz XV e Luiz XVI, pelas suas riquezas babilónicas e teorias excepcionaes, gabava-se de ter sido um guerreiro do tempo das Cruzádas.

Simão o Mago, Apollonio de Thyana, e o famoso Cagliostro professaram doutrinas identicas, e como estas anormaes.

Há quem assegure tambem que Jesús Cristo, o *Rabbi* de Nazareth, pretendera aludir a estas reincarnações successivas das almas, quando, sendo procurado misteriosamente de noite, por um seu sectario encoberto, homem abastado de bens e assás considerado no sinhédrio de Jerusalem, chamado Nicodémus, lhe disse estas decerto significativas palavras: — *Na verdade, na verdade, te digo que não pôde vêr o reino de Deus senão aquelle que renascer de novo.*

Se estas palavras parecerem, porém, ainda obscuras ou simplesmente parabólicas, mais transparentes e claras ainda são estas que disse aos discipulos falando de João Baptista, o *Precursor*: — *Se vós o quereis bem comprehender, elle é aquelle Elias que ha de vir.* E mais tarde ainda estas não menos suggestivas: — *Elias decerto há de vir e restabelecerá todas as cousas. Digo-vos porém que Elias já veio, e elles não o conheceram, e fiseram d'elle tudo quanto quiseram.*

Foi só então a esta teoria das reincarnações, nitida e transparentemente enunciada por Jesús, que os Apóstolos conheceram que se tratava do Baptista, morto por haver combatido as impiedades d'aquelle voluptuoso, dissimulado, sardónico e incestuoso Herodes Antipas, tetrarca da Galiléa. Só então comprehenderam que o Precursor fôra portanto uma reincarnação d'aquelle rigido, cavado, e austero profeta Elias, que outr'ora combatera intrépidamente de face as atrocidades do Rei Achab, e confundira com ásperas palavras e prodigios magnificos as imposturas dos sacerdotes de Baal, tal como mais tarde, no reinado de Antipas, confundiria as doutrinas dos Fariseus, dos Saduceus, e dos Mestres da Lei Mosaica.

Ora estas finaes palavras sobre as reincarnações proferira-as Jesús, na extraordinaria scena da Transfiguração, sobre a montanha do Thabor, n'aquella magestosa e poetica montanha da Siria, ao sudoeste do lago de Tabariéh.

Qual é o objectivo filosófico da *Senhora da Melancolia*, e do seu sub-titulo *Avatares de um ateu*, perguntar-nos-hão.

Como poesia, ella é um preto doloroso, angustioso, tenebroso: como filosofia, o propósito do autor, que melhor esclarece ainda o sub-titulo, estriba-se na mesmissima tése do Fausto, com uma ligeira variante.

A tésse do Góethe era esta: — *que o verdadeiro homem de génio, mesmo afastado durante um largo periodo de tempo do ideal de Deus, regressa um certo dia sempre a elle, como fim inevitavel e único de toda a Sciencia e toda a atividade humana.*

A variante do autor é esta:—Não é imprescindível de forma alguma que seja um homem de génio aquelle que um bello dia encontre a sua estrada real de Damasco, como Saulo, e aonde ali a cegueira dos seus olhos se cure e dissipe emfim. Basta que elle seja um homem justo, recto, limpo de coração, e que haja sempre fortemente e sinceramente aspirado ao ideal supremo da Verdade Absoluta. Esse regresso póde não ocorrer n'uma única existencia—que é um minuto apenas da eternidade—mas n'uma série estirada d'ellas, até que se complete a espirital perfeição.

Esse dia será na realidade o primeiro da felicidade do Homem, e o ultimo que marcará o óbito e o enterro de Satanaz. D'ahi os *Avatares de um ateu*, cuja teoria é mais consoladora, decerto, do que a dos ciclos tenebrosos dos infernos do Dante, dos quaes as portas encarnadas serão fechadas para todo o sempre um dia á chave, por desnecessarias e estereis, e por que ellas entenebrecem a doutrina tão limpida, tão calma, e tão plácida de Jesús.

Mas esta tésse — dir-nos-hão — é como a vossa propria poesia, *uma extranha e excepcional Camelia Azul da Utopia!*

Que importa! .. Bemditas essas extranhas *Camelias Azues!* As Utopias não pertencem nunca ao estreito, efémero, e aburguesado dia de *hoje*, mas sempre ao radioso, ao justificativo, ao triumphal e espirital *amanhã*.



EMPREZA DA HISTORIA DE
PORTUGAL :: LIVRARIA MO-
DERNA :: RUA AUGUSTA 95 ::
TYPOGRAPHIA :: RUA IVENS
45 :: LISBOA :: 1910

90